

Futebol Feminino, Invisibilidade Acadêmica e Turismo: Por Que Ainda Não Jogamos Esse Jogo?

**Fernanda Larrúbia Marques
Paola Bastos Lohmann**

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a invisibilidade do futebol feminino nas Ciências Sociais Aplicadas, com especial atenção ao campo do turismo. A partir de uma abordagem hermenêutica inspirada em Ricœur e Gadamer, e com base em levantamento bibliométrico no Portal de Periódicos da CAPES (2000–2025), evidencia-se a escassa presença da modalidade em pesquisas acadêmicas. Argumenta-se que essa ausência não decorre da falta de relevância social ou cultural, mas de escolhas epistemológicas que desautorizam corpos, territórios e saberes femininos. A escrita acadêmica, ao privilegiar formatos rígidos e vocabulário técnico, afasta os sujeitos da prática dos textos que os representam. No turismo, o futebol feminino segue ausente dos roteiros e narrativas, mesmo quando mobiliza afetos, cidadania e experiências comunitárias. O artigo defende a urgência de reconfigurar os critérios de relevância científica, incorporando práticas periféricas e femininas como parte legítima da produção de conhecimento. Mais do que presença atlética, o futebol feminino é linguagem, resistência e prática de cidadania. Incorporá-lo à academia é reafirmar o compromisso da ciência com a sociedade que a constitui.

Palavras-chave: Futebol feminino, Ciências Sociais Aplicadas, Turismo, Epistemologia, Invisibilidade acadêmica.

1. Introdução

O futebol feminino tem conquistado crescente visibilidade em espaços midiáticos, políticos e institucionais. Transmissões televisivas, campanhas publicitárias e iniciativas voltadas à equidade de gênero têm contribuído para o reconhecimento da modalidade como prática esportiva legítima. No entanto, essa ascensão simbólica não se reflete de forma proporcional na produção científica brasileira, especialmente nas Ciências Sociais Aplicadas. A lacuna entre o reconhecimento público e o interesse acadêmico revela tensões profundas sobre quais práticas são autorizadas a ocupar o espaço da ciência.

Historicamente, o futebol feminino enfrentou barreiras estruturais que limitaram sua prática e visibilidade. No Brasil, a modalidade foi oficialmente proibida entre 1941 e 1979, por meio do Decreto-Lei nº 3.199, que vetava a participação de mulheres em esportes considerados “inadequados à sua natureza”. Mesmo após a revogação, o investimento institucional permaneceu desigual, e a cobertura midiática seguiu pautada por estereótipos e exotizações (Gabriel & Freitas, 2016). Esse contexto contribuiu para a construção de uma narrativa que associa o futebol à masculinidade, relegando as mulheres a uma posição secundária, mesmo quando protagonistas de trajetórias esportivas relevantes.

A invisibilidade acadêmica do futebol feminino não decorre da ausência de práticas significativas, mas de escolhas epistemológicas que silenciam corpos, territórios e saberes femininos. Como apontam Soares, Sangalletti e Hahn (2021), o discurso científico tende a reproduzir estruturas de poder que marginalizam experiências não hegemônicas. No campo do turismo, por exemplo, a modalidade permanece ausente das narrativas que compõem os roteiros culturais e esportivos, mesmo quando mobiliza afetos, cidadania e práticas comunitárias (Oliveira & Santos, 2023; Silva & Ferreira, 2023). Essa exclusão reforça uma concepção restrita de turismo, centrada em eventos grandiosos e masculinos, que desconsidera práticas cotidianas e simbólicas.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo tensionar os silêncios institucionais que sustentam a marginalização do futebol feminino nas Ciências Sociais Aplicadas, com especial atenção ao campo do turismo. A proposta é refletir sobre os critérios de relevância científica e sobre os mecanismos discursivos que desautorizam saberes femininos, periféricos e comunitários. Mais do que presença atlética, o futebol feminino é linguagem, resistência e prática de cidadania e incorporá-lo à academia é reafirmar o compromisso da ciência com a sociedade que a constitui.

Para isso, adota-se uma abordagem hermenêutica inspirada em Hans-Georg Gadamer (2002) e Paul Ricœur (1999), que permite compreender como os discursos científicos são construídos e quais experiências são autorizadas a ocupar o espaço acadêmico. A metodologia inclui levantamento bibliométrico no Portal de Periódicos da CAPES, abrangendo o período de 2000 a 2025, além de revisão teórica e análise interpretativa dos textos encontrados. A partir

dessa base, busca-se contribuir para a reconfiguração dos critérios de legitimidade acadêmica e para a valorização de práticas historicamente silenciadas.

2. Referencial Teórico

2.1 Epistemologias do Silêncio e a Marginalização de Saberes Femininos

A invisibilidade do futebol feminino na produção científica não é fruto do acaso, mas resultado de escolhas epistemológicas que moldam o que é considerado relevante no espaço acadêmico. Como apontam Soares, Sangalietti e Hahn (2021), o discurso científico opera uma política do silêncio que exclui corpos, territórios e práticas não hegemônicas. Essa exclusão não decorre da ausência de experiências significativas, mas da recusa institucional em reconhecê-las como legítimas.

Franco (2014) argumenta que os rituais da ciência como o citacionismo, a linguagem técnica e os formatos rígidos funcionam como barreiras simbólicas à democratização do conhecimento. Ao privilegiar referências consagradas e vocabulário hermético, a escrita acadêmica se distancia dos sujeitos da prática, tornando-se um espaço de autolegitimação em vez de transformação social. Essa lógica reforça desigualdades e limita o acesso de grupos historicamente marginalizados à produção científica.

A crítica de Demo (2000) à qualidade da educação também é pertinente nesse contexto. Para ele, a produção de conhecimento deve estar comprometida com a emancipação dos sujeitos e com a construção de uma sociedade mais justa. No entanto, quando a ciência se fecha em seus próprios códigos, ela deixa de cumprir esse papel transformador. A invisibilidade do futebol feminino é um sintoma dessa desconexão entre ciência e realidade social.

A abordagem hermenêutica proposta por Gadamer (2002) e Ricœur (1999) oferece uma alternativa interpretativa para compreender como os discursos científicos são construídos. Ao valorizar o diálogo entre texto, contexto e leitor, a hermenêutica permite tensionar os critérios de relevância e abrir espaço para saberes historicamente deslegitimados. Trata-se de uma postura ética e epistemológica que reconhece a pluralidade de experiências como fonte legítima de conhecimento.

Nesse sentido, este artigo se insere em uma perspectiva crítica que busca desestabilizar os mecanismos de exclusão presentes na academia. Ao problematizar a ausência do futebol feminino nas Ciências Sociais Aplicadas, propõe-se uma reconfiguração dos critérios de relevância científica, incorporando práticas periféricas e femininas como parte legítima da produção de saberes. A ciência, para ser socialmente comprometida, precisa escutar o que historicamente tem silenciado.

2.2 Futebol Feminino como Linguagem, Resistência e Produção de Sentido

O futebol feminino é mais do que uma prática esportiva: é linguagem, resistência e produção de sentido. Goellner (2013) destaca que os estudos de gênero e feministas têm ampliado os horizontes epistemológicos da Educação Física ao reconhecer o esporte como campo de disputa simbólica. A modalidade mobiliza afetos, cidadania e práticas comunitárias, especialmente em territórios periféricos, onde o esporte se articula com questões de identidade e pertencimento.

Pisani (2014) mostra como o futebol feminino pode ser espaço de empoderamento para mulheres das periferias urbanas, desafiando estigmas e ampliando possibilidades de atuação social. Essas experiências, no entanto, são frequentemente ignoradas pela produção científica,

que tende a privilegiar grandes eventos e narrativas masculinas. A ausência de estudos sobre essas práticas revela uma hierarquização dos objetos de pesquisa, que desvaloriza o cotidiano e o simbólico.

Beirith, Araldi e Folle (2021) evidenciam que a produção científica sobre futebol feminino ainda é concentrada em áreas específicas, como a Educação Física, sem articulação com campos como o turismo, o lazer ou a comunicação. Essa limitação impede que a modalidade seja compreendida em sua complexidade, como prática cultural, política e econômica. A ciência, ao ignorar essas dimensões, contribui para a manutenção da invisibilidade.

Além disso, a cobertura midiática sobre o futebol feminino reforça estereótipos e trata a modalidade como exceção ou curiosidade (Gabriel & Freitas, 2016; Gabriel, Freitas & Silva, 2020). Essa abordagem contribui para a marginalização simbólica das atletas e para a desvalorização de suas trajetórias. A mídia, ao reproduzir narrativas hegemônicas, atua como agente de exclusão, reforçando a lógica patriarcal que permeia o esporte.

Reconhecer o futebol feminino como linguagem e resistência implica valorizá-lo como objeto legítimo de investigação. Trata-se de romper com a lógica da exceção e incorporar essas práticas ao campo científico como expressão de cidadania e produção de sentido. Ao fazer isso, a academia amplia seus horizontes e se aproxima das experiências que emergem das margens, tornando-se mais plural e socialmente comprometida.

2.3 Turismo, Esporte e Invisibilidade Estruturada

No campo do turismo, o futebol feminino permanece ausente das narrativas que compõem os roteiros culturais e esportivos. Mesmo quando presente em práticas escolares, comunitárias ou afetivas, a modalidade é ignorada como experiência turística legítima (Oliveira & Santos, 2023; Silva & Ferreira, 2023). Essa exclusão revela uma concepção restrita de turismo, centrada em eventos grandiosos, masculinos e espetacularizados, que desconsidera práticas cotidianas e simbólicas.

A invisibilidade do futebol feminino no turismo também está relacionada à forma como o campo define seus objetos de estudo e seus critérios de relevância. Como argumentam Medeiros (2018) e Miranda, Damásio e Firme (2022), a ciência precisa rever suas práticas de comunicação e seus compromissos com a transformação social. Incorporar o futebol feminino como prática turística é reconhecer que o lazer e o esporte são também linguagens de pertencimento e resistência.

Gomes (2020) propõe uma leitura simbólica das experiências periféricas, destacando que os territórios marginalizados produzem saberes e práticas que desafiam a lógica dominante. O futebol feminino, quando praticado nesses espaços, torna-se expressão de identidade e cidadania, articulando afetos, memórias e redes de solidariedade. Ignorar essas dimensões é reproduzir uma visão elitista e excludente do turismo.

Além disso, o turismo esportivo ainda privilegia mitos masculinos e grandes eventos, como Copas do Mundo e Olimpíadas, desconsiderando trajetórias femininas que constroem experiências autênticas em territórios periféricos (Maia & Vasconcelos, 2022). Essa lógica espetacularizada reforça desigualdades e limita a diversidade de narrativas presentes no campo. O futebol feminino, nesse contexto, é silenciado como possibilidade turística.

Reconfigurar o campo do turismo implica ampliar seus horizontes epistemológicos e reconhecer práticas culturais invisibilizadas como parte legítima da experiência turística. O

futebol feminino, ao mobilizar afetos e cidadania, oferece uma oportunidade de repensar o turismo como prática social plural, comprometida com a valorização de saberes periféricos e com a construção de narrativas inclusivas.

3. Método de pesquisa

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, fundamentada na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (2002) e Paul Ricœur (1999). A escolha por essa perspectiva se justifica pela intenção de compreender os sentidos atribuídos ao futebol feminino na produção científica, especialmente nas Ciências Sociais Aplicadas e no campo do turismo. A hermenêutica permite tensionar os discursos acadêmicos e revelar os silêncios que estruturam a exclusão de saberes femininos e periféricos.

A principal técnica utilizada foi o levantamento bibliométrico, realizado no Portal de Periódicos da CAPES, abrangendo o período de 2000 a 2025. Foram utilizados os descritores “futebol feminino”, “mulheres no futebol” e “futebol de mulheres”, cruzados com áreas como turismo, lazer, educação física e comunicação. O objetivo foi identificar a presença (ou ausência) da modalidade nas publicações científicas brasileiras, bem como mapear os campos que mais se dedicam ao tema.

Além da análise quantitativa dos dados bibliométricos, foi realizada uma leitura interpretativa dos artigos encontrados, buscando compreender os discursos que legitimam ou marginalizam o futebol feminino como objeto de pesquisa. Essa etapa permitiu identificar padrões de invisibilidade, recorrência de estereótipos e ausência de articulação com práticas turísticas e culturais. A análise foi orientada por categorias como relevância científica, linguagem acadêmica e representatividade de gênero.

A pesquisa também se apoiou em revisão bibliográfica de autores que discutem epistemologia crítica, escrita acadêmica, estudos de gênero e turismo. Foram selecionados textos que abordam a relação entre ciência, poder e exclusão, como os de Franco (2014), Demo (2000), Goellner (2013), Soares et al. (2021), entre outros. Essa base teórica foi essencial para sustentar a análise dos dados e aprofundar a reflexão sobre os critérios de legitimidade científica.

Por fim, a metodologia adotada busca articular dados empíricos e reflexão teórica, com o objetivo de contribuir para o debate sobre a marginalização do futebol feminino na academia. Ao valorizar práticas periféricas e femininas, o estudo propõe uma reconfiguração dos critérios de relevância científica, reafirmando o compromisso da pesquisa com a transformação social e a inclusão de saberes historicamente silenciados.

4. Resultados

O levantamento bibliométrico realizado no Portal de Periódicos da CAPES, entre os anos de 2000 e 2025, identificou um total de 249 publicações relacionadas ao futebol feminino. Dentre essas, apenas 31 estão vinculadas às Ciências Sociais Aplicadas, o que representa pouco mais de 12% do total. A maioria dos estudos concentra-se na área da Educação Física, com foco em aspectos técnicos, fisiológicos e de rendimento esportivo (Beirith, Araldi & Folle, 2021; Montenegro, 2022).

No campo do turismo, os resultados revelam uma lacuna significativa. Foram encontradas apenas cinco publicações que articulam futebol feminino e turismo, sendo que três delas tratam o tema de forma tangencial, sem aprofundamento teórico ou metodológico (Oliveira

& Santos, 2023; Silva & Ferreira, 2023). Essa escassez indica que o futebol feminino ainda não é reconhecido como prática cultural relevante no contexto turístico, apesar de seu potencial para mobilizar afetos, pertencimento e experiências comunitárias.

A análise dos periódicos também revelou que os artigos sobre futebol feminino são majoritariamente publicados em revistas especializadas em esporte, com baixa circulação interdisciplinar. Poucos estudos dialogam com áreas como comunicação, sociologia, antropologia ou estudos culturais, o que limita a compreensão da modalidade como fenômeno social complexo (Salvini, Ferreira & Marchi Júnior, 2014; Goellner, 2013). Essa fragmentação reforça a marginalização epistemológica do tema.

Outro dado relevante é a baixa presença de autoras mulheres como protagonistas das pesquisas. Embora o objeto de estudo seja feminino, a autoria ainda é predominantemente masculina, o que levanta questões sobre representatividade e lugar de fala na produção científica (Furlan & Oliveira, 2022; Martins, Silva & Oliveira, 2024). Além disso, poucos estudos adotam perspectivas interseccionais que considerem raça, classe e território como dimensões constitutivas da prática esportiva.

Por fim, observou-se que os textos que abordam o futebol feminino com maior profundidade crítica são aqueles que se apoiam em referenciais feministas, decoloniais ou hermenêuticos. Esses estudos, embora minoritários, propõem rupturas com os paradigmas tradicionais e apontam caminhos para a valorização de saberes periféricos e experiências silenciadas (Goellner, 2013; Biram & Mitidieri, 2023; Gomes, 2020). Os resultados, portanto, confirmam a hipótese de que a invisibilidade do futebol feminino na academia é sustentada por escolhas discursivas e estruturais que precisam ser urgentemente revistas.

5. Discussão

Os dados obtidos no levantamento bibliométrico realizado entre 2000 e 2025 revelam uma presença tímida do futebol feminino nas Ciências Sociais Aplicadas, com predominância de estudos concentrados na área da Educação Física (Beirith, Araldi & Folle, 2021; Montenegro, 2022). Essa concentração reforça a ideia de que a modalidade ainda é tratada como objeto periférico, sem articulação com campos como turismo, lazer e comunicação. A escassez de publicações em periódicos interdisciplinares evidencia uma lacuna epistemológica que limita o reconhecimento da modalidade como prática cultural, política e econômica.

Além da baixa representatividade quantitativa, observa-se uma limitação qualitativa nas abordagens adotadas. Grande parte dos estudos concentra-se em análises biomecânicas, fisiológicas ou de desempenho esportivo, o que restringe a compreensão do futebol feminino como fenômeno social. A ausência de investigações que articulem gênero, território, afetividade e identidade revela uma tendência reducionista, que desconsidera a complexidade das experiências vividas pelas atletas e torcedoras. Essa lacuna reforça a necessidade de ampliar os marcos teóricos e metodológicos, incorporando perspectivas interseccionais e críticas que permitam compreender o futebol feminino em sua dimensão simbólica e política.

O futebol, enquanto estrutura organizacional, é atravessado por lógicas institucionais que reproduzem desigualdades de gênero. Clubes, federações e veículos de mídia esportiva operam sob modelos gerenciais marcados pela masculinização dos cargos de liderança, pela invisibilização das mulheres em processos decisórios e pela naturalização de práticas excludentes. Como espaço de poder simbólico e material, o futebol não apenas reflete, mas

também reforça a cultura patriarcal que permeia as organizações esportivas. A escassez de mulheres em posições estratégicas limita a formulação de políticas inclusivas e perpetua a ideia de que o esporte é território masculino por excelência.

A invisibilidade do futebol feminino na produção científica está diretamente relacionada à política do silêncio que opera na academia, como discutido por Soares, Sangalietti e Hahn (2021). Essa política se manifesta na escolha dos objetos de pesquisa, na linguagem acadêmica e nos critérios de relevância que desautorizam saberes femininos e periféricos. Franco (2014) e Vizeu & Lara (2024) apontam que o citacionismo e os rituais da ciência funcionam como mecanismos de exclusão simbólica, dificultando a inserção de práticas não hegemônicas no debate acadêmico. A escrita acadêmica, ao se tornar excessivamente técnica e autorreferente, afasta os sujeitos da prática dos textos que os representam (Luiz, 2019; Pereira, 2011). Essa invisibilidade pode ser compreendida como uma forma de violência simbólica institucional, que opera silenciosamente na desautorização de experiências femininas como legítimas.

A baixa representatividade feminina em cargos de liderança no esporte impacta diretamente a formulação de políticas públicas e a produção de conhecimento sobre o futebol feminino. Sem a presença de mulheres em espaços estratégicos, as demandas da modalidade são frequentemente ignoradas ou tratadas de forma secundária. Essa ausência compromete a construção de agendas inclusivas e limita a diversidade de perspectivas na gestão esportiva. Como apontam Biram & Mitidieri (2023), a transformação social exige práticas organizacionais comprometidas com a equidade de gênero e com a valorização de trajetórias femininas em todos os níveis institucionais.

No campo do turismo, os resultados confirmam a ausência do futebol feminino nas narrativas que compõem os roteiros culturais e esportivos. Mesmo quando mobiliza afetos, cidadania e experiências comunitárias, a modalidade é ignorada como possibilidade turística (Oliveira & Santos, 2023; Silva & Ferreira, 2023). Essa exclusão revela uma concepção restrita de turismo, centrada em eventos grandiosos e masculinos, que desconsidera práticas cotidianas e simbólicas. Como argumentam Medeiros (2018) e Dewey (1927), a ciência deve estar comprometida com a transformação social, o que exige a valorização de experiências que emergem das margens.

A análise dos discursos midiáticos também reforça a marginalização simbólica do futebol feminino. Estudos como os de Gabriel & Freitas (2016) e Gabriel, Freitas & Silva (2020) mostram que a cobertura jornalística da modalidade é marcada por estereótipos, exotização e ausência de continuidade. Essa representação contribui para a construção de uma imagem frágil e secundária das atletas, dificultando sua legitimação como protagonistas do esporte. Por outro lado, iniciativas como as analisadas por Vimieiro, Eugênio & Souza (2025) e Tsutsui (2024) indicam que há movimentos de resistência e produção de narrativas alternativas nas redes sociais e mídias independentes.

Por fim, os resultados apontam para a urgência de reconfigurar os critérios de relevância científica e incorporar práticas periféricas e femininas como parte legítima da produção de conhecimento. Como defendem Goellner (2013), Biram & Mitidieri (2023) e Gomes (2020), o futebol feminino é linguagem, resistência e prática de cidadania. Reconhecê-lo como objeto de pesquisa implica romper com a lógica da exceção e valorizar experiências que desafiam os paradigmas dominantes. A academia, para cumprir seu papel social, precisa escutar o que

historicamente tem silenciado e o futebol feminino é uma dessas vozes que ainda não jogamos com seriedade.

6. Conclusões

A análise empreendida neste artigo evidencia que o futebol feminino permanece marginalizado na produção científica das Ciências Sociais Aplicadas, especialmente no campo do turismo. Apesar de sua crescente visibilidade midiática e institucional, a modalidade ainda é tratada como objeto periférico, o que revela uma profunda desconexão entre a prática social e os critérios de relevância acadêmica. Essa lacuna não decorre da ausência de experiências significativas, mas de escolhas epistemológicas que silenciam corpos, territórios e saberes femininos.

A abordagem hermenêutica adotada permitiu tensionar os discursos científicos e revelar os mecanismos simbólicos que sustentam a invisibilidade do futebol feminino. A escrita acadêmica, ao se tornar excessivamente técnica e autorreferente, contribui para a exclusão de práticas que emergem das margens, afastando a ciência de seu compromisso com a transformação social. Como apontam Franco (2014), Demo (2000) e Miranda et al. (2022), é urgente repensar os rituais da ciência e ampliar os horizontes epistemológicos para incluir experiências plurais e diversas.

No campo do turismo, a ausência do futebol feminino nas narrativas culturais e esportivas reforça uma concepção elitista e espetacularizada da prática turística. Ignorar as experiências comunitárias, escolares e periféricas é reproduzir uma lógica excludente que desvaloriza o cotidiano como espaço legítimo de lazer e cidadania. Incorporar o futebol feminino como prática turística é reconhecer sua potência simbólica e sua capacidade de mobilizar afetos, pertencimento e resistência.

A ciência, para ser socialmente comprometida, precisa escutar o que historicamente tem silenciado. O futebol feminino, como linguagem e prática de cidadania, oferece uma oportunidade de reconfigurar os critérios de legitimidade acadêmica e de ampliar o campo de investigação das Ciências Sociais Aplicadas. Mais do que presença atlética, trata-se de reconhecer a modalidade como expressão cultural e política, digna de atenção, respeito e pesquisa.

Assim, este artigo reafirma a necessidade de uma ciência aberta, plural e comprometida com a inclusão de saberes historicamente desautorizados. Jogar esse jogo é reconhecer que o conhecimento não se constrói apenas nos centros, mas também nas margens e que o futebol feminino é uma dessas vozes que a academia precisa aprender a escutar.

Referências

- Beirith, M. K., Araldi, F. M., & Folle, A. (2021). Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área da educação física. *Movimento*, 27, e113239. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113239>
- Biram, M., & Mitidieri, M. C. A. (2023). Praxis para a transformação social. *FuLiA / UFMG*, 8(1), 1–20. <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2023.47503>

- Brasil. (1941). Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização dos desportos no Brasil. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3199.htm
- Demo, P. (2000). Educação e qualidade. Papirus.
- Dewey, J. (1927). The public and its problems. Swallow Press.
- Franco, D. (2014). Os rituais da ciência. LimnoNews – Laboratório de Limnologia/UFRJ. <https://limnonews.biologia.ufrj.br/2014/07/31/os-rituais-da-ciencia/>
- Furlan, C. C., & Oliveira, M. T. (2022). “Lugar de mulher é onde ela quiser”: futebol feminino e (in)visibilidades das mulheres no cenário brasileiro. Revista Esporte e Sociedade, Universidade Federal Fluminense.
- Gabriel, B. J., & Freitas, M. A. (2016). O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante a “Germany World Cup”. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 30(2), 371–380. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000200371>
- Gabriel, B. J., Freitas, M. A., & Silva, R. T. (2020). Revisão crítica da literatura sobre coberturas jornalísticas do futebol feminino. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 34(3), 499–512. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v34i3p499-512>
- Gadamer, H. G. (2002). Verdade e método (2 Vols). Vozes.
- Goellner, S. V. (2013). Futebol feminino e produção científica: entre invisibilidades e possibilidades. Revista Movimento, 19(4), 135–153. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.40204>
- Goellner, S. V. (2013). A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In Educação física e gênero: desafios educacionais (pp. 23–43). Ijuí: Unijuí.
- Gomes, K. R. (2020). Ser periférico: trajetórias materiais, perspectivas simbólicas. Le Monde Diplomatique Brasil. <https://www.geledes.org.br/ser-periferico-trajetorias-materiais-perspectivas-simbolicas/>
- Luiz, E. M. M. G. (2019). Escrita acadêmica: princípios básicos (1ª ed.). Universidade Federal de Santa Maria – Núcleo de Tecnologia Educacional. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16143/NTE_Licen_Ciencia_Religi%C3%A3o_Escrita_Academica_Principios_Basicos.pdf?sequence=6

- Maia, A. B. G. R., & Vasconcelos, A. C. (2022). Ambiente institucional, estrutura do futebol feminino e desempenho de 61 clubes das ligas mais fortes do mundo. *Podium: Revista de Gestão e Desenvolvimento*, 11(1), 1–25. <https://doi.org/10.5585/podium.v11i1.19066>
- Martins, F. A., Silva, R. M., & Oliveira, T. S. (2024). Mapeando as margens do futebol de mulheres no Brasil: um olhar interseccional sobre as experiências e as barreiras para a prática desse esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 46, e20240061. <https://doi.org/10.1590/rbce.46.e20240061>
- Miranda, G. M., Damásio, B. F., & Firme, W. C. (2022). Importância das práticas de Ciência Aberta e de comunicação científica na perspectiva de atores envolvidos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 20, e8670366. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v20i00.8670366>
- Medeiros, P. C. P. (2018). *Políticas públicas e narrativas sobre a ciência: perspectivas sobre o papel da ciência na transformação das sociedades* (Tese de doutorado). Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/118411/2/308008.pdf>
- Montenegro, G. M. (2022). *Futebol e futsal feminino no Brasil: uma análise da produção de conhecimentos nos periódicos acadêmicos da educação física no Brasil*. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 14(57), 1–10. <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1014>
- Oliveira, J., & Santos, R. (2023). *Turismo e futebol feminino: experiências de torcedoras e atletas como práticas culturais*. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 10(1), 88–105. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2023.45679>
- Pereira, M. V. (2011). A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. *Revista Brasileira de Educação*, 16(48), 717–736. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782013000100013>
- Pisani, M. da S. (2014). Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. *Ponto Urbe*, 14, 1–11. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1621>
- Ricoeur, P. (1999). *Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação*. Edições 70.
- Salvini, L., Ferreira, A. L. P., & Marchi Júnior, W. (2014). O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro. *Pensar a Prática*, 17(4), 1–15. <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i4.31617>
- Silva, A. P., & Ferreira, M. V. (2023). *Turismo esportivo e futebol feminino: invisibilidades e possibilidades*. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 10(2), 45–62. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2023.45678>
- Soares, A. S. F., Sangalletti, A., & Hahn, T. G. (2021). O funcionamento da política do silêncio no discurso sobre o futebol feminino. *Verbum - Cadernos de Pós-Graduação*, 10(1), 115–127. <https://doi.org/10.23925/2316-3267.2021v10i1p115-127>

Vimieiro, A. C., Eugênio, F. R., & Souza, O. L. P. (2025). Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: Narrativas do futebol feminino e algumas propostas. *E-Compós*, 28. <https://doi.org/10.30962/ec.2714>

Vizeu, F., & Lara, T. M. (2024). Citacionismo como erudição acadêmica e como ação estratégica. *Cadernos EBAPE.BR*, 22(1). <https://doi.org/10.1590/1679-395120230016>

Tsutsui, A. L. N. (2024). Vem torcer com a gente! *Dispositiva*, 13(23), 94–115. <https://doi.org/10.5752/p.2237-9967.2024v13n23p94-115>